

Vinciane Despret comenta as apresentações de Márcia Moraes e Ronald Arendt¹

Vinciane Despret: Eu me sinto muito honrada pela maneira como vocês reconectaram meu trabalho de uma outra forma, me mostrando coisas que eu não via.

Em primeiro lugar, farei um elo com o trabalho da Márcia que, sem me dar conta, eu já havia começado a tecer. Trata-se de perguntar se as narrativas são trabalhos científicos ou obras artísticas. Perguntar se as narrativas que ela propõe fazem parte de um trabalho científico ou de uma obra artística.

Márcia Moraes: Científico

Vinciane Despret: Acho que, se a Márcia responde a minha pergunta rápido demais, falta-lhe recalitrância. Minha pergunta pode não fazer sentido se pensamos na separação entre obra artística e trabalho científico. Temos por hábito considerar que o trabalho artístico é desprovido de rigor, contudo, o fotógrafo Hubert Grooteclaes, que foi, em particular, o fotógrafo de Léo Ferré. Ele morreu há pouco, mas eu tive a sorte de conhecê-lo. Dizia que suas fotos eram o rigor na imprecisão e que era preciso tanto rigor quanto mais havia de imprecisão. Assim, eu começo a tecer um elo entre a exposição da Márcia e a do Ronald, ou seja, entendendo que as narrativas são criações. Mas eu encontro em Ronald algo que me dá uma razão a mais para repensar segundo a maneira como você [dirigindo-se à Márcia] falava. Quando você nos falava sobre as narrativas que você produz e sobre a multiplicidade necessária dessas narrativas, você dizia “há sempre coisas que eu deixo de fora e que não retornam nas narrativas, mas que insistem em entrar”. Eu pensei, no momento em que você nos contava isso, como é interessante que as metáforas da visão e da não visão impregnaram o seu próprio percurso de texto, as suas próprias narrativas. Ou seja, havia um “fora de campo”, como dizemos no cinema. Penso também que na sua maneira de trabalhar com as pessoas com perda de visão, há uma cumplicidade entre as suas narrativas e o que elas vivem. Portanto, são narrativas como um processo que aceita que há coisas que insistem em ficar e que não serão jamais percebidas. Penso que o mundo das pessoas com perda de visão é um mundo que insiste no “fora de campo”. E foi isso que eu pensei, no momento em que você falava. Há algo também que o Ronald me faz ouvir e você o disse: que de certa maneira, é uma forma de

lembrar sempre que não poderemos jamais oferecer uma explicação. O que fazemos não é uma explicação, mas algo que acompanha. São narrativas que não podem explicar, mas que podem acompanhar. E quanto mais numerosas elas são, mais podem lembrar que não possuem uma função de realidade, mas uma função possível de verdade a fazer. Então, eu respondo ao que o Ronald comentou sobre meu trabalho, dizendo que a narrativa tem uma verdade a fazer. Assim como a obra está por fazer, a verdade também está por fazer. O que me agrada nessa ideia, é que não estamos em uma ótica construtivista, cada qual com sua verdade, pois a verdade ao mesmo tempo preexiste e não preexiste. Ela está por fazer, ou seja, ela já existe como apelo, assim como uma obra clama por ser feita, mas nada nos garante que ela será realizada, que ela será encontrada e que poderá ser instaurada. O que quer dizer, então, que não estamos em uma ótica construtivista, mas numa ótica ao mesmo tempo extremamente realista e que estamos na psicologia social não moderna, pois se há uma realidade a fazer, ela tem sua autonomia. Não faremos qualquer coisa. Mas com quem será preciso compor? E o que entrará nesta composição? Eu passo agora para a etapa do Ronald.

No momento em que Ronald terminava o seu texto, eu comecei a anotar freneticamente. Em primeiro lugar, porque você me mostrava como o pesquisador se encontra em uma posição de responsabilidade, porque ele é responsável pela verdade a fazer. Lembro que “responsabilidade”, na nossa língua, é aprender a responder. É responder por aquilo que fazemos, mas é também responder àqueles a quem propomos aquilo que fazemos. Outra coisa que me ocorreu é que eu sempre tive uma dificuldade e, de repente, me parece que você me mostrou a via, não para resolver a dificuldade, mas para começar a negociar com ela. A dificuldade é como sair do dilema, por um lado, de uma psicologia que diz que para ensinar algo às pessoas é preciso que seja algo contra-intuitivo, que se diga coisas que ninguém saiba e, por outro lado, uma versão mais populista que diz que não, a psicologia não pode se opor àquilo que as pessoas pensam de si próprias. Então, para que a psicologia serve, se diz aquilo que todos já sabem? E como pode ela ser verdadeira se vai de encontro ao que todos sabem? Portanto, temos: ou uma psicologia que diz aquilo que todos já sabem, ou uma psicologia que nos ensina algo, mas com a qual as pessoas não estariam de acordo, normalmente. Mas

¹ Ajustes feitos pelos autores das mesas. **Revisão técnica:** Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo.

podemos nos perguntar se, nesse momento, não seria ela uma imitação ruim da física, pois sabemos que a física deve ser contra-intuitiva.

Como saímos desse impasse? Quando Ronald diz que o pesquisador é responsável pela pesquisa a fazer, de alguma forma é como se o pesquisador fosse uma etapa nessa construção, um mediador, um intercessor, um artista, entre uma verdade que está por fazer e todos os materiais que podem compor a verdade da vida das pessoas. Essa verdade não terá necessidade de ser repetida ou refutada, mas composta de outra forma, como nas narrativas trazidas pela Márcia. Talvez, nesse momento, possamos dizer que os pesquisadores são como os artistas, quando eles servem de etapa com relação a outras imagens, das quais são os herdeiros. Por exemplo, a Vênus é uma temática que cada artista vai retomar à sua maneira, portanto, a Vênus é retomada por alguém que vai renová-la. Assim os artistas aprendem a responder à exigência da obra e a conectar o que é passado com o que é futuro. Como exemplo, faço referência aos trabalhos de Gell², antropólogo da arte, que diz que cada obra é sempre um movimento do passado que se transmite aos artistas futuros. Digo que, talvez, os pesquisadores façam algo mais ou menos dessa ordem. Interceder, talvez, em nome de uma verdade que está por fazer e que o psicólogo social talvez crie obras que são identidades, sabendo que essas identidades não surgem do vazio, mas que são como as obras a fazer, que elas pedem, que elas convocam, que elas mobilizam e que elas obrigam o pesquisador a trabalhar para fazer com que existam de maneira fiel, o que seria um oxímoro, fazer existir de forma fiel, mas que nesse caso toma pleno sentido. Para retomar os pontos de interesse nas apresentações feitas nesta manhã, vejo o artista como alguém que aprende a tornar belo, de certa forma é aquele que faz ver aquilo que todos sempre enxergaram, mas faz ver de outra forma, de maneira que pensamos não ter visto antes. E a verdade é que não vimos. E o pesquisador, finalmente, seria aquele que – assim como o artista aprende a tornar belo – aprende a tornar interessante.

Então, a última coisa que temos, quando você chegou com o seu “e”, logo em seguida à Márcia, eu pensei, “é incrível, ele é um plagiador anacrônico”. E pensei que você o fosse com relação a mim também, pois o que você dizia de mim, tenho a impressão que foi você quem o escreveu em primeiro lugar. Obrigada.

2 Alfred Gell, autor do livro *Art and Agency*, defende que uma teoria antropológica da arte se caracteriza não por uma análise dos objetos de arte em si mesmos, mas sim por uma investigação das relações desenvolvidas/estabelecidas em torno das interações que os sujeitos realizam em função dos objetos.